

MOÇAMBIQUE

Continuamos

DESDE 1993 que a ajuda significativa da Unicef financia parte dos salários dos nossos professores, material escolar e desportivo; do ensino profissional nas nossas oficinas, nas micro-empresas e nas equipas de construção de casas melhoradas; e ainda da saúde dos nossos rapazes e crianças da Massaca.

Como no ano transacto não houve interesse de acompanhar esse trabalho, embora a ajuda viesse, resolvemos não apresentar o pedido para este ano.

Em Março fomos visitados pela Organização e instados a apresentar uma proposta de colaboração. O que foi fácil, pois, nada de novo estávamos fazendo. Para surpresa nossa, a primeira parte da ajuda não tardou a chegar.

Entretanto, mudaram-se as pessoas, mudaram-se as vontades e após uma visita tomámos conhecimento de um relatório interno no Organismo, feito com prévia intenção e total distorção da verdade.

Em face disso, devolvemos respeitosamente a totalidade da ajuda. E continuamos.

Apoio à saúde

A malária persiste com menos intensidade. Não descuidamos todo o apoio médico e medicamentoso, absolutamente gratuito, a todas as crianças da aldeia e de um modo especial atento às duzentas e cinquenta que frequentam agora o Centro de Apoio onde residimos e aos cerca de duzentos trabalhadores ligados a nós, com suas famílias. Levar ao Hospital Central ou pagar viagem e consulta também o fazemos quando se justifica, a qualquer outro que procure. Pagamos a uma médica, a dois enfermeiros e a um analista. Podemos dizer que, se alguém morre na Massaca por falta de cuidados médicos ou remédios, é porque preferiu ir aos tratamentos do curandeiro. Pergunto-me se em Moçambique haverá povoação ou crianças que tenham ao seu alcance o apoio à saúde que nós dispensamos.

Dos nossos rapazes, nem é preciso falar. Todas as consultas de especialidade — otorrino, oftalmologia, pediatria, psiquiatria, ou cirurgia, análises, radiografias, electroencefalogramas — pagamos sem regatear, para obstar demoras no atendimento, como se fossem filhos de gente grande.

Continua na página 3



Este bairro com quatrocentas e cinquenta barracas é habitado por seiscentas e cinquenta famílias, algumas bastante numerosas.

Património dos Pobres

«Fim do Mundo»

ACONSELHARAM-NOS a visitar essa região conhecida como «Fim do Mundo». Seguimos estrada fora. Já perto, numa zona de habitações com aspecto decente, encontramos um grupo de jovens e uma moça triste como a noite, na soleira duma porta, a injectar-se. Confirmámos logo aí o que já nos tinham informado.

Fomos rua adiante, até encontrar o bairro de latas com o Centro Social de Acolhimento. Recebeu-nos a Irmã directora: — *Eu sou uma grande cliente das vossas Casas do Gaiato*. Pois em nossas Casas recebemos e estamos a criar crianças daquele ambiente.

Entrámos no Centro. Muitos adultos ali dentro, grupos de homens sentados à mesa, a jogar. Outros, recostados, com olhos sonolentos. Algumas senhoras

ajudavam a arrumar a cozinha e a louça e outras faziam rendas e trabalhos manuais. Um ambiente de paz.

Ao lado, o edifício-escola. Todas as crianças activas. Um pavilhão serve para os tempos livres. Reunem-se ali cerca de noventa crianças. Ao almoço aparecem uns quarenta drogados para comer. No terreiro interno há um espaço livre para o recreio. Precisa duma cobertura para o sol e para a chuva. Custará dois mil contos e a Irmã anda aflita com mais este empreendimento. Têm que esperar, desabrigados.

Demos uma volta pelo exterior. Ao lado do Centro há quatrocentas e cinquenta barracas, com seiscentas e cinquenta famílias, algumas bastante numerosas. Uma delas serve de habitação a dezassete homens: uns solteiros, outros abandonados; uns trabalham, outros dedicam-se a «negócios».

A droga é o principal negócio naquela zona. Muitos deixaram as obras e dedicaram-se a esta vida. Em pouco tempo tiram carta de condução e adquirem carro. Procuram viver à larga.

Em todo aquele ambiente as virtudes humanas andam bastante esquecidas: falta de bilhetes de identidade e de boletins de saúde; faltas à escola sem justificação. Ambiente degradado.

Muitos filhos ilegítimos. Muita prostituição. Muita gente sem trabalho. Muitos encostados às paredes. Muitos nas tascas a jogar. Ambiente de abarrecados.

Regressámos com alguma esperança na notícia oficial de que serão demolidas em Portugal todas as barracas e construídas habitações para habitantes desalojados. Esperamos.

Padre Horácio



D. Virgínia (X) e outras senhoras que, ao tempo, começaram a servir a Obra da Rua.

Senhora D. Virgínia

NA primeira metade de 1949, O GAIATO trouxe um apelo (como tantas vezes!) a mulheres de coração disponível e vida descomprometida que quisessem comprometê-la nesta Família grande e difícil onde a mãe tem um papel escondido mas imprescindível. Não sei se o apelo teve mais respostas, mas duas foram efectivas e marcantes: D. Sofia que veio logo nesse Verão e D. Virgínia que, por ser Regente Escolar, só pôde vir no ano seguinte.

Quando cheguei a Paço de Sousa, acabado de ordenar, as duas e D. Hortense constituíam o *triumvirato* feminino nesta Casa. O Senhor veio agora buscar a última, D. Virgínia, após quarenta e seis anos de serviço até à exaustão.

A sua entrega à Obra começa aqui. Mas, porque a Obra e o serviço desta era determinante para ela, qualquer necessidade aqui ou ali sempre a encontrou pronta para seguir até onde a sua presença fosse mais útil.

Quando surgiu Beire e logo a Casa do Gaiato como estrutura para trabalhar a quinta, foi a ela que Pai Américo pediu para a abrir e governar como mãe-de-família. Durou vários anos esta deslocação. Depois, foi no Tojal, aqui uma passagem mais breve. Mais tarde seria a Casa de Benguela onde gastou alguns anos da sua vida. Casas em que passou e deixou sinal de si na organização doméstica e no embelezamento do espaço envolvente (Onde coubesse um canteiro de flores, elas aí estavam!). As Comunidades destas Casas têm agora razão maior para a lembrarem.

Mas mais precisamos nós que ela nos lembre — e estamos certos de que sim. Quem gastou a sua vida, sem vacilação, ao serviço dos Pobres, dos Doentes, dos Rapazes, tomou-lhe o gosto e não o mudou na Eternidade. Por isso estamos certos de mais esta luz que se nos acendeu no Céu.

Padre Carlos

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — Motivados pela necessidade de se aliviar problemas candentes, nem sempre referimos depois o resultado desse alívio nos Pobres, já que algumas situações exigem respeito pela privacidade...

Muito salutar: vamos encontrando gente que, ontem, quase não tinha caldo na lareira... e, hoje, já tem inclusive a própria descendência bem situada de todos os pontos de vista. Isto compensa alguns fracassos e, porque não?, são graças da Providência divina.

Procuramos sempre que todos venham a beneficiar das parcas regalias da Segurança Social: com a ajuda dos Leitores prestamos auxílio a um ou outro trabalhador rural que precisa de cumprir regularmente o desconto mensal para o regime especial. À volta de sete mil escudos cada. Um bem para eles, a família, a comunidade... A propósito: nos departamentos regionais dessa instituição procuramos ainda que as assistentes sociais abram caminho aos Pobres. Há delas expeditas, até uma ou outra vinculada à Sociedade de S. Vicente de Paulo, na qual partilham e recebem Força para atenderem os que precisam, no dia-a-dia.

PARTILHA — O nosso amigo «Manuel de Braga» expediu um cheque no dia de Santa Isabel para «viúvas e viúvos envergonhados. Há muitos no mundo» — acentua.

Outra presença, com «saudações fraternas» que retribuimos, «partilha de Maio/Junho», de «uma Assinante de Paço de Arcos» muito constante nesta acção.

Cinco mil, duma Amiga que por aqui passa assiduamente, com um sorriso nos lábios, e a amizade de sempre.

O dobro, da assinante 20856, de Espinho, «primeiro semestre de 1996 da minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Quando se dá com o coração não é preciso cobrador!

Três vezes mais, do Porto, pela mão do marido da assinante 24801, «destinados a Pobres», aos quais afirma, e muito bem, que temos «por missão acudir».

Pelas CASAS DO GAIATO

Mais sete mil, do assinante 7464, de Lisboa, «pequena ajuda a um irmão nosso mais aflito — através da vossa Conferência».

Assinante 57002, da Senhora da Hora: «Pequeno contributo de Julho, acrescido do subsídio de férias, que poderão distribuir como melhor entenderem».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

D. VIRGÍNIA — Faleceu esta senhora, da nossa Obra, que se sacrificou por nós desde muito nova.

Deu-nos muito carinho, como só uma mãe sabe dar.

Não a esqueceremos pelo bem que fez a todos nós.

OBRAS — Começaram a retirar as coisas do hospital — para ser renovado.

Da rouparia, roupas e máquinas de costura para o antigo armazém de material para África.

Só falta demolir o chão para se começar a executar a placa.

Espero que corra tudo bem e haja melhores condições para os doentes.

16 DE JULHO — No dia de Pai Américo demos um passeio à Senhora do Salto.

Levantámo-nos às oito horas, tomámos o pequeno-almoço enquanto os cozinheiros davam os últimos arranjos no almoço para a comunidade.

Partimos às nove e meia da manhã, na carrinha grande.

Quando lá chegámos não resistimos a um mergulho naquele bonito ambiente rochoso.

Mais tarde, ouvimos o apito para a Missa campal.

Depois, o apetite começou a apertar e serviram a refeição que estava uma delícia.

Subimos os montes, fizemos aventuras nas rochas e após as dezasseis horas, os mais corajosos mergulharam de um grande muro da barragem.

Para acabar, houve merenda e despedimo-nos da malta que seguiu para a praia de Azurara.

PRAIA — Os rapazes do primeiro turno já regressaram. Mais morenos e contentes por estarem aqui novamente.

Mas queriam estar por lá mais tempo!...

O segundo turno partiu para Azurara. Passem umas férias alegres, fiquem morenos e tomem muitos banhos.

ANTIGOS GAIATOS — Em 21 de Julho, domingo, houve um encontro de antigos gaiatos, comemorando os quarenta anos de vida de Pai Américo no Céu.

Foi um encontro de amigos que já não se viam há muito e trouxeram as suas famílias.

Como habitualmente, a celebração da Missa foi no largo do hospital. Mais tarde, almoçámos no campo de futebol e convivemos alegremente.

Por volta das quatro e meia da tarde, com o dia muito quente, tomámos banho na piscina.

Gostámos da festa dos antigos gaiatos. Um domingo bem passado!

Rui Manuel Gonçalves

MALANJE

PADRE TELMO — O nosso Padre Telmo foi a Moçambique conseguir técnicos para a montagem das máquinas da nossa carpintaria. Ficámos com o Padre Kalembe, que nos tem acompanhado nos afazeres e necessidades.

ESTUDOS — Os estudantes fizeram o exame do primeiro período. Esperamos resultados satisfatórios. Que mostrem zelo nos estudos.

ANIMAIS — Agora temos muitas cabras. São vinte e oito. O nosso Padre Kalembe foi a Benguela e trouxe, de lá, algumas delas para compor o ramalhete.

Uma porca teve oito crias. Ficámos contentes pelo acontecimento, pois só nos tinha sobrado uma, após aquela catástrofe... Agora, graças a Deus que vela pelos seus e pelo esforço dos rapazes que com zelo tratam dela, possuímos já muitos porcos.

Jorge Zenildo «Belito»

TOJAL

FÉRIAS — O primeiro grupo regressou e o segundo caminhou para a praia de Sintra.

Os que vieram, gozaram boas férias. Poucas bandeiras verdes apanharam... São raras naquela praia.

Agora, só faltam praticamente os mais velhos.

FENO — A colheita acabou. Graças a Deus muito boa. Mas também poderia ter sido melhor, se não tivesse ocorrido um pequeno acidente...

OBRAS — A sala de estudo está em obras. Ela tem sido tudo para todos. Era o melhor que se podia arranjar. Mas, apesar das nossas poucas possibilidades, se Deus quiser no próximo ano escolar haverá uma sala para cada grupo de estudantes.

OFERTA — O departamento juvenil do Benfica ofereceu botas de futebol. Muito obrigado. Sempre que possam, esperamos que se lembrem de nós.

FUTEBOL — No dia 20, alguns dos mais velhos foram jogar a Carcavelos com uma equipa da qual faz parte o nosso treinador.

Os rapazes actuaram numa forma que podemos considerar excelente. Resultado: 6-2 a nosso favor.

Arnaldo Santos

O sol dança no céu

*Lá vem a aurora
A gemer de dores.
A paz demora
Nas águas do rio, podres.*

*Lá vem a aurora
por ruas e praças.
Entra em todas as casas
E conforta quem chora.*

*Lá vem a aurora
Dar vida e sorte
Aos despojados
Para quem não há mais
[morte...]*

*Lá vem a aurora!
Toda a gente acorda
Com sua luz brilhante!
E o dia começa, cantante!*

Manuel Amândio

SETÚBAL

CASA DA ARRÁBIDA — Nós viemos de férias no dia 5 de Julho e estamos muito contentes na praia.

A Arrábida é um dos lugares mais lindos que eu já vi na minha vida. É um lugar sossegado e tem uma vista muito bonita.

A malta está sempre disposta a fazer as suas obrigações, mas nem todos. Há sempre um ou outro que se revolta contra o chefe. Os mais velhos ajudam o chefe que os não deixa abusar.

Está tudo a correr bem para todos. Para que corra sempre bem ajudamo-nos uns aos outros.

A malta está agora na praia porque se fartou de trabalhar durante o ano. Quem não se esforçou, não merece porque as férias não são para os que andaram na boa-vai-ela.

Os cozinheiros do primeiro grupo estão a portar-se muito bem. Servem o comer sempre a horas.

Também está connosco a D. Isaura que orienta a cozinha e toma conta dos mais pequenos e de outras coisas.

A praia tem estado muito boa. Além de uns dias de sol mais fracos que outros, vamos sempre para lá. Temos de aproveitar bem as férias à beira-mar porque se não as aproveitarmos, bem, só as teremos para o ano.

Victor M. Pacheco «Bita»

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A sala de jantar está quase pronta. Estamos a começar a arranjar o campo de jogos.

PRAIA — Os mais pequenos estão na praia. Também alguns dos mais velhos para organizarem a vida.

Já regressaram parte deles e outros esperam que chegue a sua vez.

GADO — As vacas têm dado o leite que bebemos de manhã e à merenda.

As cabras estão bem.

Os pintos também andam bem e abatemos já alguns frangos.

PISCINA — Os rapazes gostam de tomar banho ao fim da tarde. Gostam de nadar e atirar-se muitas vezes da prancha!

ESCOLAS — Os rapazes passaram de ano, mas alguns ficaram tristes porque reprovaram. Têm que se agarrar mais aos livros para tentarem vencer.

EXCURSÃO — No dia 13 de Julho recebemos uma excursão de Figueiró-dos-Vinhos.

Gostámos da visita. Esperamos que venham sempre mais excursões para convivermos.

João «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Pedimos desculpa pelo atraso das nossas respostas às cartas e ofertas. Respondemos seguramente com dois meses de correio acumulado.

Maria Luísa, que fez 84 anos e foi vicentina, pede uma oração e manda 10.000\$00. A. Simões, 10.000\$00. «O meu respeito por aqueles que conseguem levar a Mensagem de Cristo das palavras para as acções. Deus vos abençoe» — palavras da assinante 59423 com 5.000\$00. Assinante 9217, 5.000\$00. J. R. D., duas vezes 2.000\$00. Assinante 26306, uma linda carta com 5.000\$00.

O nosso amigo Amador, na Alemanha, com 200 marcos. Silva, de Setúbal, 2.000\$00. Assinante 33275, 20.000\$00.

«Uma sempre amiga em Cristo Jesus», assinante 113, 30.000\$00. Esteja descansada, recebemos as ajudas que muito agradecemos. Mande sempre o número de assinante pois às vezes temos publicado a presença n'O GAIATO como anónima.

J. d'Eça, 10.000\$00. Assinante 6313, da linda cidade da Régua, 20.000\$00. Anónima, 1.000\$00 e roupa. M. Helena, 10.000\$00.

Leopoldina, 10.000\$00 e uma carta cheia de palavras encorajadoras. Mais 20.000\$00 «para que, por vosso intermédio, sejam entregues a uma das famílias que mais necessitam».

Aurora, 5.000\$00. Outros 5.000\$00, de Martins que pede anonimato. Bem haja.

No dia 16 de Julho fez 40 anos que Pai Américo nos deixou, humanamente.

No domingo seguinte participámos no encontro-convívio em Paço de Sousa. É sempre um dia muito feliz, pois alguns companheiros só nos encontramos nesse dia para matarmos saudades dos velhos tempos.

Maria Germana e Augusto

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho: 71.650 exemplares.



Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Calvário

Jovens e doentes marcados pela vida que levaram

O terreno era bravo e a laranjeira pequena não crescia. Pelo contrário, definhava, amarelecia. Pegámos nela com cuidado, arranjámos um local com húmus, fizemos-lhe uma cama melhor, cova larga com estrume, corrigimos o solo, aparámos as folhas e esperámos.

Hoje está carregada de laranjas saborosas.

O homem também é fruto do lugar e ambiente onde vive. Muitos dos nossos rapazes e doentes vieram de famílias e locais inadequados ao seu crescimento normal. Por vezes, vieram de meios nefastos, física e moralmente. O seu crescimento foi atrofiado e deixou marcas bem acentuadas.

Aqui, entre nós, a maioria dos que chegam renova-se totalmente. Ganha gosto pelo viver, pelo conviver.

Alegres, de apáticos, vão lentamente desabrochando as qualidades e virtudes, os anseios e aptidões. Mas para isto foi necessário que alguém os aceitasse e neles acreditasse. Aceitar o Outro é a primeira condição para o ajudar. Acreditar nele é a alavanca que o vai ajudar no seu crescimento.

Estas duas coordenadas são a base do nosso viver com aqueles que vamos recebendo aqui, em Beire. Quando todos rejeitam o rapaz com dificuldades intelectuais ou o doente sem cura e sem família, sem amigos, nós abrimos-lhes as portas. E eles sentem que os aceitamos. Quando todos descreditam, nós apostamos neles. Damos-lhes tarefas, responsabilidades, ensino de realização compatível com as suas pessoas. E temos pessoas de todas as idades. Tudo isto porque os aceitamos e neles acreditamos.

Eu tenho muito medo da sociedade paternalista, assistencial. Uma sociedade destas gera pessoas permanentemente dependentes, descrentes de si mesmas.

Aqui, procuramos acreditar no impossível, no contraditório e esperar frequentemente, responsabilizando o irresponsável: damos voz a quem não a tem; trabalho a quem o não pode fazer e colhemos frutos deliciosos.

Sabemos, no entanto, que estes jovens e doentes marcados pela vida dura que levaram, são seres delicados, frágeis, a quem é preciso ajudar no seu caminhar.

São como a água do regato, que corre, serpenteia, contorna obstáculos. Mas às vezes as folhas e os cisos perturbam a corrente de água e desviam-na até do seu curso. É preciso, nestas alturas, retirar tudo quanto impeça a água de seguir suavemente o seu caminho.

É a missão de quem está ao lado destes doentes e deseja o seu bem. Mas é tão saboroso ver de novo a água deslizar feliz pelo regato!

Padre Baptista

DOCTRINA



Mescla de humano e de divino,
por isso ouves e atendes.

TRAGO hoje a este mirante alguns casos dolorosos, com pedido de que leias e te compadeças. O primeiro é o de um moço saído do hospital «para morrer em casa», como fora aconselhado à sua mãe. Dá pena ver que os nossos hospitais sejam postos de observação em vez de Casas de Assistência onde se amparasse o doente até à cura final ou morte! O nosso rapaz saído e experimentou, nos poucos dias de vida, o heroísmo da mãe, a simpatia dos vizinhos, o zelo dos vicentinos; mai-la piedade de quem gosta de fazer bem. Preparou-se ele mesmo para a morte, em madrugada fria e leito desamparado. «Foi por este livro de Missa que ele se encomendou a Deus e a Nossa Senhora de Fátima», disse-me a mãe no dia do funeral.

NÓS devemos compartilhar no luto de famílias assim. Ficaram mais irmãos mal dormidos e mal vestidos, sujeitos a igual sorte. São nossos! Eu gosto de frisar bem e repetir muitas vezes esta verdade, porquanto o mundo parece fazer outro conceito e chamar outro nome àqueles mesmos a quem Jesus considera e chama Irmãos: — *Ide e dizei aos meus Irmãos. Sim; devemos tomar parte nos funerais. Se a categoria social da gente pobre não obriga, na verdade, a cartões de visita nem anúncios nas gazetas, obriga-nos, sim, a descer e a consolar. Oh, não te afastes do Pobre, nem na vida nem na morte! A altura da tua categoria há-de ser marcada no descer e consolar doridos. Assim, sim, que és grande. Não vá suceder que te ponhas de cócaras diante dos chamados grandes, por não te saberes abaixar com dignidade na presença dos Pequenos!*

EU celebro e aplico muitas vezes, por alma do Pobre, o Sacrifício Incruento. Eu tenho que eles são da classe que o Senhor nos recomendou e a tal ponto ama, que jamais os tira do mundo: — *Havéis de os ter sempre. Ora se é verdade o «quem meu filho ama minha boca adoça», como as mães afirmam, o que não será dito na hora da morte de quem amou em vida os amigos de Jesus?! Sim; se entrares numa igreja, na maré em que eu digo Missa, sabe que estou a servir o Pobre, no Altar. Dediquei-me a eles, aos seus interesses, à sua causa. E se não ando como eles, descalço e remendado, é por medo que me prendam, que vontade não falta. Sim; sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos — no Altar. Sirvo os mentirosos, os verdadeiros, os vagabundos, os que insultam; que, se nas camadas baixas há gente de má nota, são, muitas vezes, lições que aprendem dos que deviam ser mestres.*

O segundo caso é o de outra mãe que pede um cobertor «velhinho para pôr debaixo do corpo do meu filho». Este diminutivo *velhinho* é melodia sagrada que nós devemos respeitar e atender. É um termo carinhoso que se refere ao filho e não à peça de roupa para compor o leito e aliviar o corpo do pequeno que nunca se levanta. O terceiro caso é o de uma parturiente, mãe de dez filhos, e agora onze. «Veja, Padre, tudo puido do uso.» E pede-me roupas.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

Continuamos com os cursos de corte e costura. Está a decorrer a parte teórica do curso de pedreiro, frequentado por 25 homens da Massaca. A escola nocturna funciona com cento e cinquenta alunos — quatro turmas. Abrimos inscrição para um curso de monitora do Centro de Apoio. Os nossos professores são acompanhados no programa semanal de preparação e metodologia das aulas.

Não queremos vangloriar-nos, mas não podemos aceitar ser avaliados por pessoas que só garantem o seu salário com relatórios irresponsáveis, sem um mínimo de conhecimento nem respeito pelo trabalho dos outros.

Padre João

Padre José Maria

DESTA vez foram o «Cato» e o «Amém» os protagonistas do nosso tribunal após a oração do Terço. Nesse dia, pela manhã, o «Cato» sentiu-se doente. Consultado o termómetro, este indicou cerca de 38°C. Por tal motivo ficou dispensado dos trabalhos e foi meter-se na cama.

Chegado o fim do trabalho, abriu-se o portão da piscina, como sempre acontece. Nessa tarde ocasionalmente passei por lá. E em quem esbarraram os meus olhos logo à entrada? No «Cato», claro. Todo feliz brincando com os mais pequenos!...

Felicidade que acabou com a minha chegada. Confrontado com a sua atitude, abalou dali para fora e foi reflectir para a mata. Por isso tivemos tribunal mesmo sem a presença do réu, pois entre nós os adiamentos resultariam em esvaziamento das lições que se tiram das causas em discussão. Não porque se diluíssem os factos, mas porque perderiam o sabor que resulta do nosso fervor. E este anda de mãos dadas com o amor que nos faz agir.

PASSO A PASSO

Protagonistas do nosso tribunal

Mesmo faltando o réu acusado não faltou um outro, vítima de um louvor. É que a falta de consciência no primeiro fez sobressair a correcção do segundo em acontecimentos recentes. Este, o «Amém», já por várias vezes tem sido objecto de amizade dos amigos que nos visitam. Sem nos consultarem, dão-lhe coisas, de que ele não se apossa mas antes nos vem perguntar se pode ficar com elas. Entre todas, destacou-se uma bicicleta...

Achei que não lha devia entregar. Ficou para outros. Um pouco contris-

tado, aceitou a decisão mas foi lembrando como gostaria de ter uma...

E o dia dessa alegria chegara. Tinha sido na véspera dos acontecimentos que agora tratamos.

Por singular coincidência, foi toda a comunidade presenteada com as atitudes opostas do «Cato» e do «Amém». A escuta da voz da consciência e a consequente resposta, que pode ser positiva ou negativa, foi o cume para que olhámos.

E vimos como nos podemos tornar em exploradores dos nossos irmãos se não escutamos a nossa consciência: O «Cato» regalado a dormir na sua cama e os outros a fazerem o trabalho que lhe pertencia; mas no que tocou aos direitos, não os rejeitou mas de imediato se lançou a disfrutar da bela banhoca e convívio que a piscina permite.

Graças a Deus subiu ao monte e reflectiu. Não fugiu como doutras vezes tem feito. E veio, reconhecido e reconciliado, entrar na comunhão de vida que nos une, nas alegrias e trabalhos.

Padre Júlio

TRIBUNA DE COIMBRA

AINDA, as contas de Março, quando, algumas de Abril, já fizeram «Tribuna». Contudo, não se perdeu o gosto nem a ocasião. Por isso, aí vai: Com 100 mil, a presença da Real Casa do Cedro, de Anadia, 10 mil, da Deolinda A., de Mação. De Ourém, 90 mil em notas várias e oitenta em cheque. 10 mil, de Soure. Outro tanto, de Maria Eugénia, de Coimbra. Mais 10 mil, de Filomena de Castelo Branco. E, outra vez, 10 mil, de Vitorina de Castelo Branco. De um Dr., da Lousã, mais 10 mil. Vinte mil, de Soure. Outro tanto, de Beco de S. José, em Cebolais. Sá Gil, de Coimbra, com 8 mil mensais. Silva, de Tomar, com 200 mil, várias vezes. Outros tantos repartidos por outros lados. Obrigado pela parte que nos coube!

Velho amigo, de Cardigos, com 100 mil. Dois «Bragas», de Coimbra, cada, com 30 mil. Uma Madalena, de

Coimbra, com 21 mil. Uma amiga desta, também com 21 mil. Catequese de S. Romão, Seia, 42.300\$00. Onze mil, do Espinhal. O Santos Minga, de Coimbra, não falha com a sua presença mensal. Mensal, é a presença de Maria Duarte, de Mira; e, pontual, a de Maria Adelina Caetano, de Coimbra.

Um sacerdote, das redondezas da Lousã, com 30 mil. Dona Luzia, de Coimbra, com 200 mil, já registados pelo telefone. Na Queima das Fitas, em Coimbra, uma carrada de cheques, de 200 a 1000 escudos. Bem-haja aos estudantes de Coimbra que todos os anos repetem o mesmo gesto. A Imelda veio, outra vez, com 100 mil. Por mão do Padre João Castelhana, 17.000\$00.

A Paróquia de Aradas, Aveiro, com 50 mil. Com 320 mil, a Paróquia da Gafanha. O Povo de Campizes, 8.500 escudos e uma carrada de roupas, mercearia, leite e outras gulodices. Na Casa do Castelo

e no Fernandito, em Coimbra, a última «passagem» rendeu 21 mil, em ambas. Outra vez a presença simpática e discreta da tal família de Ourém, cujo gesto já largamente aqui foi registado, com 35 mil e quinhentos, em cifrões, e cem mil em cheque.

Do Pombal, com lágrimas e sofrimento, 30 mil em memória de filho, ainda jovem, que Deus levou por doença incurável.

Depois da visita que nos fez o Secretário de Estado da Integração Social, acompanhado do Governador Civil e outros Autarcas locais, recebemos do Governador Civil mil e quinhentos contos para ajuda das nossas obras. Bem-haja!

Mais 40 mil, de um Dr. de Coimbra; e outro tanto de um ourives, também de lá. Maria Fernanda, de Figueira da Foz, com 21 mil. Um Brites, de Tomar, com 8.500\$00. Lucena Cardoso, com 40 mil. Com 50 mil, a Auto Rôxo. A visita esti-

mada da tal «Dona» de quem já aqui falei, «custou-lhe» 500 contos. Um Belmiro, de Anadia, com 25 mil; e um Mário, de Condeixa, com 110 mil.

Mais 25 mil, de família de Abrantes. Os alunos do 9.º B da C+S da Chamusca, com 85 mil. Mais vinte mil, do Carlos Alberto, do Porto. Alves Martins, de Coimbra, 50 mil. A visita amiga de uma família de Castelo Branco, com 100 mil. De Lausanne, 12.254 escudos. A Maria do Céu, com 5 mil, em vez de amêndoas. Outra vez, 20 mil, dos Cebolais, do Beco do costume.

Assim viemos, de Abril a Junho, com alguns registos de Março, como dissemos no princípio. Está tudo à mostra. E, agora, que é só ligar a memória do computador... Mas, ao ver tantas obras em andamento, não há dúvida: a soma é uma gota de água no oceano!

ESTAS notas nascem no dia 16 de Julho. Foram escritas momentos depois da celebração desta data festiva. O 16 de Julho é ponto de referência obrigatório na vida da Obra da Rua. É ponto de chegada e ponto de partida: «Se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, permanece infecundo; porém, se morrer, dá muito fruto».

Pai Américo foi o grão de trigo que caiu na terra e morreu. Ponto de chegada. A aceitação da «sua» hora, à semelhança de Jesus Cristo. Sua morte foi a «hora» do grão de trigo consumido ao longo da vida para espalhar o fruto para além dela. Ponto de chegada e ponto de partida.

O dia foi celebrado em nossa Casa. Primeiro, a festa íntima, para os de dentro, com dois momentos mais ricos: à volta da mesa do Altar e, de seguida, à volta da mesa do refeitório. Que o resto do dia houve que ser normal, devido ao período de aulas em que nos encontramos.

BENGUELA

Da festa do refeitório safu a decisão de dar mais uma refeição à gente que trabalha connosco. Com que alegria, hoje de manhã, na cozinha improvisada, dezenas de mães e pais começaram a receber a comida quente antes de seguirem para o trabalho! Sim, que a do fim do trabalho já estava garantida. É um passo pequenino em frente. Mas, é com passos deste ritmo que caminhamos, lado a lado, com o povo.

Ontem, foi a festa para a família de fora que se juntou com a de dentro. Já é habitual. Vieram os casais que puderam e quiseram, com seus filhos. Vieram

rapazes que andam meio perdidos e, aqui, se reencontraram, neste dia. Quem dera este encontro seja luz para a vida digna que devem levar! Estiveram as meninas do Lar de Santa Paula, portadoras da mesma história dos nossos rapazes. Foi um convívio alegre, familiar. O nosso Bispo passou todo o dia connosco, em sinal de muita amizade e comunhão com a Obra da Rua. Resta-me dizer: Obrigado!

Mesmo ao fim do dia, ao passar pela sala da televisão, escutei uma notícia muito triste: Que no hospital do Dundo, região dos diamantes, morrem dez pessoas por dia, de meningite, por falta de medicamentos! Que contradição! Na terra chamada mais rica de Angola! Notícias destas são comuns. Neste dia, porém, a comunicação feriu-me, como se fosse a primeira vez! Esperamos dias melhores.

Padre Manuel António

MALANJE dia-a-dia

Maputo — Massaca I
10/10/1991

Não se vê um oásis neste deserto sem poço, a Massaca 1, sanzalas de Iavé.

O Joãozinho, deficiente, fica todo o dia imóvel, sentado no chão... Nem um pirlampo em seus olhos vazios! A mãe, uma perna-monstro... Cancro? Lepra? O pai bebe... bebe cachaça.

Muito perto no carreiro que atravessa, dois homens abrem a cela e mijam... Sensação de desconforto.

Logo adiante, numa roda, as mulheres bebem e riem muito...

No centro da aldeia, a Irmã Quitéria acompanha o nascimento da creche. Está com grupo de meninos

de cabecitas reluzentes ao sol.

Passaram mulheres vergadas sob o peso dos molhos de lenha.

Atravessa uma cabra com três cabritinhos que gingam e pulam. Primícias de Deus!

Fui procurar o Raimundo. Encontrei-o, bêbado. Ai, regresssei, pensando: Temos de nos colocar bem ao lado da realidade que este povo está vivendo... Falta-lhe tudo e, sobretudo, as razões de vida e as sementes do amor.

Escondida, nestes corações, há terra boa! Elas germinarão sob o Teu olhar, Senhor!

12/6/96

E germinaram! Provámos, hoje, os frutos na Celebração com Padre José Maria, Padre

Manuel e eu, nossas senhoras e rapazes, um grupo grande de jovens e povo — no recinto da «creche» da Massaca I.

Além da creche: salas de aulas, berçário, salas de costura e posto médico.

Em 1991 era um terreno batido com o vento a embrulhar papéis e farrapos bem no centro da sanzala esburacada e triste.

As sementes do amor mudaram a face das pessoas e coisas. Maravilhas do Senhor!

Ao lado do nosso centro, duas filas de casas onde os pequenos projectos-oficinas se realizam com o apoio da Casa do Gaiato.

Também, uma sementeira de habitações mais dignas nos modos de autoconstrução.

Razões de vida! Uma terra mais pronta e aberta à Palavra de Deus!

13/6/96

Onde em 1991, penedos e espinheiros — agora, habitações airosas e belas para os nossos rapazes que são a

razão disto tudo e do nosso viver: casa-mãe — já cheia de «Batatinhas» bem gordinhos e bonitos!; três casas já habitadas pelos mais crescidos; oficinas; e, em construção, as escolas e mais duas casas de habitação. Será depois a Capela, o salão e os campos de jogos.

Nos campos, a manada de vacas e o rebanho são um sinal de paz e esperança.

Bendito seja o Senhor, pois é por Ele e para Ele que tudo nasce e cresce!

Padre Telmo

PENSAMENTO

Em piso de conforto, sem jamais conhecerem os trabalhos da gente pobre, os ricos podiam, se quisessem, forçar as portas dos Céu pela Caridade porque a oferta dada por amor de Deus também é sacramento.

PAI AMÉRICO

O NOVO LIVRO

Se adulássemos números, faríamos uma *manchete*: despachamos por dia uma média de 30 livros recentemente editados. De facto, há muita gente que não perde nada do que saia relativamente a Pai Américo, à Obra da Rua.

Relativamente a uma nota publicada acerca da edição em lançamento, «Um grande educador português do século XX — Padre Américo e a sua obra pedagógica», a Viúva do Autor pede a correcção dum ponto: «Não foi resumo de tese de Doutoramento do Doutor Loureiro na Universidade de Lovaina (Bélgica), mas de licenciatura em Pedagogia começada em Madrid e terminada em Salamanca em 1965. A tese de Lovaina foi sobre 'L'Oeuvre de la Rue et l'enfant privé de milieu éducatif' defendida em 1972 e depois publicada pelo INIC em 1978».

Alguns leitores mandam comentários pessoais. Citamos o assinante 27238, de Coimbra: «A vossa 23.ª obra editada, enriquece a minha biblioteca. Sem desmerecer o valor das antecedentes, encerra tema oportuno: Pai Américo educador de jovens».

Outra presença: o assinante 26358, do Porto, agradece o livro que «é Pão do Espírito» e deseja que «a Obra da Rua só acabe quando já não houver rapazes abandonados nem famintos, quando olharmos o nosso Próximo como gostamos que olhem para nós».

★★★

Entretanto, com o cuidado que nos merece qualquer livro da nossa colecção, preparamos agora mais uma novidade intitulada: «Padre Américo — místico do nosso tempo». No seu género, um primeiro trabalho de pesquisa. Aliciante. Que exprime ou revela, implicitamente, a raiz e o húmus da própria Obra da Rua também. Será do formato do livro *A Porta Aberta*. Autor: um Pároco da região de Arouca.

Júlio Mendes

Correspondência de Família

Amigo Padre Carlos: Já pode soltar esse seu suspiro e dizer o que pensa, que à partida eu já sei o que é! Será então assim: — Uff... Até que enfim uma carta do «Passarela»!! Pois é, só que a Casa do Gaiato, para mim, está longe da vista mas perto do coração. É difícil conseguir esquecer esta fase tão importante da minha vida. Por vezes dá-me umas gran-

des saudades desse pequeno (grande) meio.

Envio um cheque para a assinatura do jornal e gostaria que me mandassem os livros que aponte no postal. Gosto imenso de receber O GAIATO. É como se estivesse na rua a distribuí-lo com o desejo de que a nossa Obra seja conhecida por todo o lado.

Um abraço muito grande.

«Passarela»

SETÚBAL

Espírito de Pobreza

«**Q**UEM vier às nossas Casas vê o espírito de pobreza pairar, orientar, vivificar a nossa Obra», escrevia, há meio século, o Padre Américo.

O espírito de pobreza por ele definido como «suficiência na Comunidade» foi o grande inspirador de toda a pedagogia seguida nas Casas do Gaiato. Na verdade os nossos rapazes não se podem tornar em colegiais em parte nenhuma do mundo, sob pena de se fazerem burgueses. O trabalho, o gosto pelo trabalho é das nossas maiores lutas, mas também das melhores vitórias.

Nunca nesta Casa entregámos obras a empreiteiros; e se alguma vez fomos obrigados a isso, salvaguardaremos sempre a participação dos rapazes. Para eles, não há nada melhor do que serem eles mesmos a levantar a Obra com o seu esforço. Esta atitude cria neles sonhos de realização; e, se um dia lhes faltar o emprego, ou ofício, há sempre uma fuga: — obras. Quantos se fizeram construtores, empreiteiros e realizadores de projectos que causam a nossa admiração! Quantos? Um deles, controlador de computadores em grande empresa, levantou a sua vivenda com as próprias mãos. Abriu

alicerces, amou ferro, levantou paredes, instalou a electricidade e a água, rebocou e assentou carpintaria. — Como aprendeu? — Nas obras da Casa do Gaiato.

Escrevo esta reflexão na varanda da nossa Casa da Arrábida, ao cair da noite de domingo, ao som do chilreio dos rapazes, na esplanada, a brincar. Na sexta e no sábado, mais três dos mais fortes cortámos, com martelo accionado por compressor emprestado, grandes pedregulhos semi-desenterrados por uma máquina que nivelava um pequeno recinto para os rapazes jogarem à bola.

A máquina não foi capaz de os arrancar, de grandes e de enterrados que estavam. Era necessário cortá-los.

«Pingo» e Júlio «Galego» agarraram-se ao martelo com unhas e dentes sob um sol escaldante, sem desanimar. Eu acompanhava com pá e picareta arredando os bocados partidos, orientando-os e estimulando-os.

Nenhum deles é marteleteiro. Nenhum será. Mas quando virem um homem a abrir uma vala, a cortar uma estrada ou a destruir uma viga com um martelo destes nas mãos, saberão dar-lhe o valor.

Tudo em nossas Casas deve ser feito pelos rapazes mesmo que se ande mais devagarinho. É devagar que se fazem os homens.

Poderia ter falado a uma empresa que fizesse o trabalho. Poderia. Todo o cansaço e desgaste em que ando envolvido até justificavam. Mas não fui capaz. Todas as obras, e foram muitas as que Deus pôs no meu caminho, foram largamente participadas pelos rapazes. É o espírito de pobreza, nesta definição tão clara como concisa que me obriga a este jogo.

O «Pingo» está no 12.º ano e o Júlio no 11.º. O trabalho foi para ambos o melhor sermão que lhes poderia fazer sobre a pobreza. Como os vi contentes no fim!

Tinha pedido a uma Entidade Pública que nos arranjasse o pequeno recinto. Vieram máquinas, vieram homens. O que eu julgava fazer-se num dia, não terminou em dois. Presenciei. Ganhando dezasseis horas aqueles homens não fizeram mais de seis. Para cortar aqueles pedregulhos com gente assim passar-se-iam as férias e os rapazes à espera. Preferi pedir à Etermar o compressor mais o martelo e nós fizemos a operação.

O espírito de pobreza é muito mais humano que o riquismo. Faz-me hoje ouvir notícias sobre reivindicações de gente que não merece nem um terço do que faz. É o Deus Dinheiro a dominar!

Padre Acílio